

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Arlindo da Costa

registada em 2008-09-10
por

Susana Pires e Carla Aguiar

Arlindo da Costa

Arlindo da Costa nasceu a 23 de Dezembro de 1932, na Roça Diogo Vaz, Vila das Neves, em São Tomé e Príncipe. Veio para Monte Frio aos 3 anos. Os pais chamavam-se José da Costa e Maria Segunda. Arlindo diz ter tido duas mães, a que lhe deu o ser e a que o criou. O pai tinha uma “oficinazita de ferreiro, fazia brochas aí para as socas, chamam tamancas”, trabalhou também nas Minas da Panasqueira. Sem pai aos 11 anos, Arlindo foi criado só com a segunda mãe, que se governava do campo só. Partiu para Lisboa com 16 anos. Trabalhou numa casa de móveis, aprendeu a arte de colchoeiro, apreçoou “o morango, que era de Sintra e Colares” e pagou para ir à tropa. Na terra conduziu camionetas e teve uma casa de colchões. Mas foi a pensar nos filhos que regressou a Lisboa, foi trabalhar com um táxi, e por lá ficou 50 anos. A esposa foi escolhida pela mãe, Arlindo desdenhou mas, como diz, acabou por querer comprar. Do casamento nasceram dois filhos, primeiro uma rapariga e depois um rapaz que Arlindo ajudou a nascer.

Índice

Identificação Nascido em São Tomé.....	4
Ascendência José da Costa e Maria Segunda.....	4
Casa "Uma broa que era tão boa".....	5
Infância "Essas porradinhas que era bem bom".....	6
Educação Cópias, problemas e reguadas.....	6
Religião Mais rápido do que um carro.....	7
Percurso profissional A ver e a aprender em Lisboa.....	7
Migração "Não fui buscar o barro para enxertar as videiras!".....	13
Namoro "Quem desdenha quer comprar".....	15
Casamento Um casamento normal.....	16
Quotidiano Era trabalhador.....	16
Descendência Nascidos em casa.....	17
Lazer Uma veia artística.....	18
Lugar Outros tempos.....	23
Sonhos Saúde e o euromilhões.....	25

Identificação *Nascido em São Tomé*

O meu nome é Arlindo da Costa, e nasci a 23 de Dezembro de 1932, na Roça Diogo Vaz, Vila das Neves, em São Tomé e Príncipe.



Arlindo da Costa (1999)

Ascendência *José da Costa e Maria Segunda*

Vim de São Tomé quando tinha três anos, pouco ou nada tenho de recordações, foi uma transformação grande de África para Portugal. A história é que o meu pai emigrou para São Tomé e conheceu a minha mãe. Depois como era casado cá em Portugal mas não tinha filhos, pediu autorização à mulher para trazer um dos dois filhos que tinha em São Tomé e, segundo consta, ela disse

que sim, que podia trazer. Então trouxe-me para cá, para Monte Frio, onde ele era residente.

"Tive duas mães"

Posso dizer que tive duas mães. Uma que me deu o ser, a vida, e outra que me criou. A minha segunda mãe, como não tinha filhos, dedicou-se a mim como se eu fosse filho dela e eu dediquei-me a ela como ela fosse a minha mãe. A minha mãe eu nunca cheguei a conhecer. Apesar de eu ter ido há 12 anos a São Tomé para ver se a conhecia em vida, não consegui. Já tinha falecido há quatro anos.

Sem pai aos 11

O meu pai era natural de Monte Frio. Quando veio de África montou cá uma oficinazita de ferreiro. Fazia brochas aí para as socas, chamam tamancas. Ainda me recorda de miúdo ir para a Moura com ele. Levava lá as brochas, estendia-as numa saca no chão. As pessoas escolhiam e encomendavam-lhe brochas para outra vez, para o outro domingo, na missa que era na Moura. Depois ele foi trabalhar para as Minas da Panasqueira. Era onde havia desenvolvimento naquela altura e ganhava mais do que a trabalhar como ferreiro aqui. Depois morreu com uma pneumonia dupla que não se curava. Eu fiquei sem pai aos 11 anos. Portanto, fui criado só com a minha segunda mãe. Coitadinha, governava-se aí ao campo só, mais nada. Se o meu pai não tem falecido, com a indústria que ele tinha e lá nas Minas, a gente não sabe o destino, mas se calhar podia ter passado uma vida melhor. Da minha segunda mãe todas as recordações são boas. Há pessoas que empregam o nome de madrastra mas eu não gosto de empregar esse nome. Parece-me um pouco pesado.

Casa "*Uma broa que era tão boa*"

A minha casa era mais antiga. A disposição estava muito diferente do que está agora. A entrada não era no mesmo lado de agora e tinha as lojas por baixo. Os meus filhos nasceram praticamente onde é agora a minha sala. O meu quarto antes era por cima de onde é agora. Onde é a garagem tinha a cozinha e um forno de fazer pão. Era o que havia. A minha mãe fazia o pão. Recordo. Fazia a broinha. Uma broa que era tão boa. A broa de milho e às vezes levava centeio à mistura. Mas coitadinha, ainda passava muito mal.

Infância "Essas porradinhas que era bem bom"

Vim de São Tomé quando tinha três anos.

Brinquedos, na altura, nada. Jogávamos à cocha. Era com uma pinha e com um pau. Fazíamos um buraco. Era para não deixar entrar a pinha dentro do buraco. Era o eixo, à barra, chamávamos à barra. Eram os únicos sistemas que a gente tinha. De resto, brinquedos não tínhamos. Recordo-me de uma vez fazer um carrito de uma "carcódia"¹ de um pinheiro, com as rodas de um carro de linhas. Fazíamos uns carritos e tal, depois uns moinhozitos. Era o que a gente fazia. Brinquedos era sair da escola e ir guardar as cabras, muitas das vezes. Ia à escola, no fim ia guardar as cabras. Ao fim-de-semana até se ia ao mato. Uma vez ainda me recorda que ia com as cabras e o meu pai queria que eu fosse dar uma volta com o gado. Eu cortei numa curva, quer dizer, em vez de dar a volta por onde ele queria que eu fosse, não fui. Quando depois eu cheguei lá, agarrou num pinheirito verde e pimba com ele nas costas. Ainda havia dele me dar hoje essas porradinhas que era bem bom.

Educação *Cópias, problemas e reguadas*

A minha professora era a dona Ofélia, mas já não tenho ideia, foi há tantos anos. A maior parte do tempo era a escrever no quadro e trazíamos uns cadernozitos. A gente trazia os apontamentos para estudar, fazer cópias e os problemas. Quando íamos para o quadro se eu errasse uma conta, a professora tinha lá uma régua e uma vara comprida de marmelo. Mal a gente se descuidasse com ela, levávamos pelas orelhas abaixo. Outras vezes era a régua. A reguada na palma da mão. De resto, brincava-se também com os colegas.

Não queria ir à escola

A escola era lá acima onde está agora o campo da bola. Eu recordo-me que quando era para ir para a escola, havia uma grande cerejeira pelo caminho. Era preciso duas pessoas para a abraçar. Eu não queria ir para a escola e o que é que eu fazia? Escondia-me por detrás da cerejeira, conforme a professora ia andando, assim eu andava de volta da cerejeira para não ir para a escola. Outra vez escondi-me aqui num palheiro. Recordo-me de outra vez, com mais um colega, fizemos uma bola de neve a rebolar pela estrada abaixo. Já havia a estrada. Depois éramos

¹casca

capazes de a mover, descalços com neve. Tanto que eu até tenho uma cantiga que inventei:

*Fui criado à beira da serra,
No lugar de Monte Frio.
Ia para a escola descalço,
Às vezes a tremer de frio.*

Era a vida.

Religião *Mais rápido do que um carro*

Eu andei na doutrina, na Benfeita. Eu ia mais rápido do que hoje vai um carro. Cheguei a demorar 20 minutos do Monte Frio para a Benfeita. A pé. Descia, passava lá em baixo ao fundo, chamam a Foz da Abelheira, depois apanhava o caminho que não ia para o lado dos Pardieiros, direito à levada. Da levada ia sair à Benfeita. Mas era sempre a correr, sempre a correr, a saltar. E às vezes, até demorava menos. Quando íamos para a doutrina íamos todos com a canalha. A minha mulher também, nessa altura. Depois vínhamos direitos à Senhora das Necessidades. Íamos à Aragunta. Havia lá uma poça, às vezes, ainda tomávamos banho. Depois os rapazes começavam a correr as raparigas com a água. Eram as brincadeiras da mocidade.

Percurso profissional *A ver e a aprender em Lisboa*

"A arte de colchoeiro"

Migrei para Lisboa com 16 e lá fiz a minha vida. A primeira vez fui para uma casa limpar móveis e acartar com móveis às costas, ganhar 5 escudos por dia. Depois é que respondi a um anúncio e fui aprender a arte de colchoeiro. Ganhava 8 escudos.

Tinha lá um colchoeiro mas não me queria ensinar a arte. Só me fazia abrir a palha para os colchões. Nem a boca nos colchões me deixava coser para eu não aprender. Eu gostava de ver e de aprender. Então, abria a palha e quando o colchoeiro começava a encher os colchões, aquilo era num sóto, mandava-me cá para baixo:

- "Vai lá para baixo!"

Era para eu não ver e aprender a arte. Depois mudei daquele serviço então para outro. Para outra casa que foi para a Rua dos Anjos. Nessa aí é que o patrão começou a dizer ao colchoeiro:

- "Ensina aí o Arlindo a coser as bocas nuns colchões."

Então comecei a coser. Depois comecei a ver como é que se faziam os colchões e mais tarde até aprendi a coser à máquina.

O trapo cheio de linhas pela pia abaixo

O meu patrão gostava muito de copos. Então vinha para a entrada da rua de Arroios, havia lá uma tabernita, mais um sujeito da pensão, que era a Pensão Luanda, que ainda lá está. No intervalo ele ia lá beber um copito e às vezes negociar a palha de centeio com uns tipos de Samora Correia e a palha de milho que era da Chamusca. Enquanto eles lá iam beber o copito eu agarrava num trapito e ia para a máquina, para trás e para a frente, para a frente e para trás. Às vezes desenfia a máquina. Então para o patrão não ver que eu tinha o trapo cheio de linhas, nem para o caixote o punha, enfiava-o pela pia abaixo. Depois ele chegava, ia coser à máquina:

- "A máquina está desenfia?"

- Ah, isso fui eu que estive a limpar a máquina e desenfiei-a.

E aprendi a coser à máquina. Tenho o prazer de dizer que ensinei a minha mulher a coser à máquina. O meu sogro que tinha uma máquina mas com o medo dela partir as agulhas nem ensinou a filha. Eu depois de casado é que ensinei a minha mulher a coser à máquina.

Apanhado pela vaidade

Tenho até uma história muito engraçada. Eu nessa altura que trabalhava como colchoeiro, trazia um macaco tão roto, tão roto, que tinha de trazer umas calças por cima do macaco para me tapar. E eu ia para um bailarico, mais outro rapaz. A gente nessa altura tinha vaidade, com um lencinho no bolso, de três bicos. Vimos duas moças e uma vira-se para o meu colega:

- "Você é empregado de escritório, não é?"

E ele:

- "Ah sou!"

Ele trabalhava numa mercearia ao pé da penitenciária. E a outra vira-se para mim:

- "Então o senhor também é empregado?"

- Também. Também sou empregado de escritório.

Combinámos no outro dia ir para o baile. E qual é o meu espanto, nessa altura, levava uma posta, uma couve e meio quilo de batatas embrulhadas no jornal, para fazer o almoço. Quando entro lá na rua onde eu morava, que era uma travessa, dou-me de caras com a moça. Ai Jesus! Se houvesse ali um buraco eu metia-me pelo chão abaixo. Aquilo é que era um empregado de escritório. Eu metia-me pelo chão abaixo, nem com os braços ficava. A moça tinha lá respondido a um anúncio para uma fábrica que havia na rua onde eu morava e estava lá a trabalhar.

Jeito para o negócio

Eu realmente gostava do negócio, gostava de comunicações. Ainda me recorda, uma vez, havia uma casa na Rua dos Anjos, que vendia por requisições. Há uma senhora que vai lá para cima ter a essa casa mas não tem dinheiro lá para os copos. E ela diz o que quer e eu estou de volta dela a explicar. Dali a um bocado está o negócio fechado quando ela apresenta a requisição. Eu disse:

- Olhe minha senhora desculpe mas essa requisição não é para aqui.

- "Ai não é? Ai como é que eu... Então você recebeu-me tão bem como é que eu..."

E o patrão entra pela porta dentro a ouvir a conversa. Ela não sabia que ele a estava a ouvir.

- "Então?"

- Sabe como é senhor Almeida. Minha senhora isto é aqui para o lado, não é para aqui.

Ela fez novamente a mesma conversa para o patrão:

- "Tão bem que eu fui atendida por este rapaz, o senhor pode estar descansado que tem uma casa bem entregue".

Mais tarde até andava para ver se abria uma casa comigo. Só para eu estar a vender ao público. Mas eu depois fui para a tropa e mais tarde ele faleceu. Um homem que só bebia vinho morreu com uma barriga de água. São coisas que acontecem. Então depois já não cheguei a estabelecer.

"Olha o cabaz com morangos!"

Na casa da malta, quem trabalhava nas garagens e os empregados do comércio não trabalhavam todos os fins-de-semana. Muitos tinham folgas. Então aos domingos juntávamo-nos e íamos vender com cestos. Mas só aos domingos porque o sábado era o dia em que chegávamos mais tarde a casa. Chamavam

aqueles cestos de figo, uns cestos fundos. Enchia o cesto, que era de um rapaz do Valado que tinha mais o negócio, ia lá a esse para a vender. Se eu fosse comprar às casas que tinham aquilo que era o António Brás e Brás, que era na Praça da Figueira, o Brás e Brás, na Travessa São Domingos e o António Brás que era na Rua da Palma, eles vendiam mais caro. Então aquele rapaz como só negociava naquilo, era a vida dele, forneciam-nos mais em conta. Aos fins-de-semana ia lá com o cesto e eles davam-nos caixas de palitos, colheres de pau, almofarizes, martelos para os bifés e cortadores de massa tenra. Depois ia aos domingos, pelos prédios por ali acima. Começava nas avenidas, ia até ao Areeiro, Avenida Guerra Junqueiro, subia pelas escadas acima, batia às portas:

- Oh minha senhora não quer isto?

Lá lhe começava a explicar.

- "Ai não quero nada disso."

- Ó minha senhora nem com uma caixa de palitos me fica? Fique ao menos com uma caixa de palitos!

Quando era o tempo dos morangos, era os morangos que ia vender. Também pelos prédios acima a apregoar o morango, que era de Sintra e Colares. Havia uns pregões muito bons. Havia um rapaz, que até está em Arganil, que apregoava muito bem o morango. Mas eu também apregoava muito bem:

- Olha o morango, é de Sintra, é de Sintra e de Colares!

- Olha o cabaz com morangos e é barato!

- Olha o cabaz com morangos!

Mas havia aí rapazes que apregoavam melhor do que eu.

Uma tropa formidável

Eu tinha 23 anos quando fui para a tropa. Fui tão tarde porque fui à inspecção legal mas o nosso exército não queria tropas de cor. O Estado, não era o Exército, apurava-nos e na altura em que havíamos de ser chamados para a tropa, punham-nos em serviços auxiliares, que eram as tropas territoriais. Tínhamos de pagar uma taxa militar. Eu lia a Comarca de Arganil e ouvi dizer nas notícias do dia que os mancebos que não pagassem a taxa militar dentro daquele prazo podiam pagar mais tarde e eu deixei-me passar. Quando vou para pagar a taxa militar era a dobrar ou o que é que foi. E eu fico assim:

- Eu pago a taxa militar há oito anos. Se o nosso exército não quer tropas de cor o que é que eu vou fazer? Vou pensar. Vou pagar a taxa militar toda.

E fui. Ainda era o Centro de Colonização Nº1, na Rua das Necessidades, em Alcântara. Fui lá, ao Clemente, um sargento que me atendeu:

-Olhe lá, passa-se isto assim assim.

- "Ó você pode pagar. Quando você for chamado, então desgraçados dos brancos que ficaram livres."

Então meti um requerimento, toca a pagar a taxa militar. Pago a taxa militar, fizeram-me um desconto de um ano ou o que é que foi. Salvo erro paguei a taxa militar em Novembro ou Dezembro. Em Março recebo uma carta para ir novamente à inspeção. Vou lá ao centro de mobilização, nessa altura, era no Quartel-General em São Sebastião da Pedreira.

- O senhor disse-me isto e isto e agora afinal é isto assim, assim.

- "Foi uma nova lei que veio. Mancebos, até aos 24 anos de idade, têm de ir para a tropa."

Lá vou novamente à inspeção. Se não tinha ficado apurado, também não fiquei apurado outra vez. Eu tinha um defeito físico. Puseram-me um taco de 2 centímetros para endireitar o corpo na parte direita, mas nem assim apuraram. Tudo muito bem. Lá vou. Assentei praça até foi na Avenida Berne que é agora uma Universidade que era o Trem Alto. Quando lá estou na tropa queixei-me lá ao primeiro da Companhia:

- Passa-se isto assim, assim. Já não digo os anos passados mas pelo menos os anos que eu estou a cumprir a tropa tenho direito à restituição deles.

- "Pois tem! Vou já passar um documento conforme está."

Lá vou eu outra vez ao Terreiro do Paço, ao Ministério das Finanças meter um requerimento. Até foi um primo meu que escreveu porque percebia melhor.

- "Meta o requerimento e depois venha cá daqui a uns dias saber."

Quando lá fui saber, apresentam-me lá um artigo dizendo: "Todo o mancebo que ficar sem serviço auxiliar e caso seja chamado, não tem direito de ter pago a taxa militar, então não tem direito à restituição do dinheiro". Fui um felizardo. Vim para a tropa com 23 e paguei para ir para a tropa. Ainda fui mais do que um voluntário porque os voluntários iam sem ser chamados. Andei lá 18 meses e 17 dias. Entrei ao meio-dia e saí ao meio-dia. Não fiquei a dever nada ao patrão. Foi uma tropa formidável.

A ginástica

Eu nunca tinha feito ginástica e lá dediquei-me à ginástica. Cheguei a ter um muro de nove caixas, colchão à frente, uma prancha, pimba dava uma cambalhota ficava em pé. Nas primeiras vezes começava a aterrar no colchão, mas tinha que ficar em pé. Só havia um rapaz, que fazia ginástica no Ginásio Clube, lá em Lisboa, que conseguia fazer o que eu fazia. Não havia mais ninguém lá dos colegas, nem nada. Estava lá o alferes de instrução, ele já dizia:

- "Ó 221!"- chamavam-me o 221, era o meu número - "Dá lá mais um salto que é para fazer ver a estes mancebos como é que se salta aí".

Pumba, nas calmas, todo vaidoso.

Às vezes na parada, haviam aqueles cabos milicianos que não moravam lá. Moravam fora de Lisboa. Às vezes, tinham a roupa suja e diziam para o alferes de instrução:

- "Olhe lá, ó nosso cabo, você não tem umas calças sujas ou uma camisa que era para me safar de lá estar pela hora do calor? Para me safar da parada."

A gente, na tropa, não pode andar com os olhos abertos nem fechados. Se abre muito os olhos a tropa fecha-os e se tem os olhos fechados eles abrem-nos.

Os primeiros sofás

Mais tarde quando andei nas camionetas, a fazer o serviço público nas carreiras de Santa Comba Dão, também tinha uma casa de colchões em Côja. Enquanto eu andava a fazer a carreira, ia de Santa Comba e tornava a vir. Estava lá a minha mulher. Depois eu vinha, fazia os colchões. Nessa altura, a carreira, no Inverno era só três dias por semana: terças-feiras, quintas-feiras e sábados. Durante o Verão é que era todos os dias. Mas quando eram quatro e meia a gente já estava despachado. Às quatro e meia de Verão ainda se faz meio dia ou mais. Eu então estacionava a camioneta, comprei uma mota, ia de mota até lá baixo fazer os colchões.

Aprendi também a fazer os colchões de rede, de madeira. Fazia tudo. Fazia o colchão de arame, fazia o folheiro para pôr por cima e se fosse preciso até fazia misto. Era de um lado lã e do outro lado palha. Cheguei a fazer isso. Cheguei até a fazer coberturas para divãs com a folheira em volta. Com os dois rolos e dois almofadões. Era o que antigamente havia. Não havia sofás como há agora. As pessoas que já tinham assim umas certas posses durante o dia punham os divãs a fazer de sofás. À noite tiravam as almofadas e ficava uma cama para uma pessoa dormir ali. De manhã outra vez. É o caso dos sofás de agora de abrir e fechar. Eu cheguei a fazer esses colchões. Há um colchão desses na Fundação Fausto Dias, nos Pardieiros. Eu fiz os colchões para as camas de ferro que lá têm de arame e os colchões de palha por cima. Na altura, as pessoas na província, coitadas, tinham aqueles colchões de mexer, de centeio. Chamavam palha de mexer e folheilhos. Eu comecei a adoptar. A fazer os colchões de arame para as camas de ferro. No meu estabelecimento em Côja vendia malas, mesas de cozinha, bancos, tapetes. Praticamente até camas de ferro comecei a vender lá

também. Tinha uma clientela já jeitosa. Mais tarde, apareceu-me uma vaga para metade de um táxi e agarrei. Fui lá baixo para Lisboa.

Pelo futuro dos filhos

Da última vez que fui para Lisboa fui mais por causa dos filhos. Andavam na escola mas é a tal coisa, antigamente, que é o caso que eu passei, uma costureira na terra não ensinava nada a ninguém. Então havia lá raparigas já crescidas a pregar botões e a fazer recados e havia alfaiates também.

Eu comecei a ver: se forem estudantes vêm aqui para Coimbra. Porque não havia o desenvolvimento que há agora nos estudos. Mas se quando a gente está ao pé dos filhos, eles não se portam bem, quanto mais se os mandarmos para Coimbra. Quando apareceu metade de um táxi em Lisboa eu agarrei. Lá sempre havia mais facilidade para os filhos estudarem. Mas eles não quiseram. Estive em Lisboa até ser reformado, aos 65. Estive lá quase 50 anos.

Migração "*Não fui buscar o barro para enxertar as videiras!*"

Eu quando fui de Monte Frio para Lisboa fui para casa dos meus padrinhos que me baptizaram. Eles é que me mandaram ir. A vida era má e eles estipularam que eu tinha de pagar 10 escudos. Ora se eu estava a ganhar 8 escudos como é que eu podia pagar 10? Antigamente diziam os rapazes, à noite, nas aldeias: "Ah em Lisboa é que é bom!". Pensam que chegam a Lisboa e estendem a mão à caridade e que cai o dinheiro, que não é preciso fazer mais nada e que se passa uma rica vida. Depois, no fim de lá estarem, coitaditos. A vida era má ou tinham que passar fome. Muitos iam para merceeiros. Dormiam até no chão. Comiam o que os merceeiros tinham. E o que faziam? Não estavam lá, vinham-se embora. Porque cá, mal ou bem, sempre tinham um presuntozito, um queijito e a sopita que os pais lhes faziam. Então o que é que diziam as pessoas desses rapazes que lá iam e voltavam?

- "Ah olha fulano tal foi para Lisboa mas já veio. Olha foi buscar o barro para enxertar as videiras."

Então quando me acontece essa coisa de pagar 10 escudos e ganhar 8 eu fico assim:

- Não me diga que também tenho de levar o barro para enxertar as videiras!

Então fui ter com um senhor, o pai do Ramiro, que tem um stand de automóveis em Lisboa, em Entrecampos, contei-lhe a minha situação e fui teimando:

- "Ó pá é capaz de haver aí uma vaga, não sei... Vai falando."

A Casa da Malta

Lá consegui uma vaga para a casa do pessoal. Chamavam a essa casa a Casa da Malta. Morávamos diariamente, durante o ano todo, 22 homens. Eram cinco camas de um lado e seis do outro. Dois em cada cama. Quem estava a tomar conta dela era o pai do Ramiro. Não tinha ferros nenhuns, nem nada. Ele só tomava conta de receber as rendas e entregá-las ao dono. Aquilo antigamente tinha sido uma cavalaria por baixo. Por cima é que era um salão grande, onde a gente vivia. Para entrar lá para dentro, nós tínhamos de comprar metade dos ferros.

Chegavam no Verão, no tempo dos morangos, a morar três na cama. Era o seguinte: uns trabalhavam de noite nas garagens, então dormiam de dia. Os que iam para vender os morangos dormiam de noite e de dia iam para a venda dos morangos. Iam buscar os morangos à Ribeira, lá em baixo ao Cais do Sodré. Tinham que lá estar às sete horas, que era a hora que abria a praça. Então esses levantavam-se e deitavam-se os outros que trabalhavam de noite. Portanto, chegavam a dormir três na cama. Mas tinha que ser só malta aqui da nossa região da Benfeita. Não queriam malta de outro lado, só da freguesia.

O pai do Ramiro era do Enxudro. Os tipos que iam vender morangos também eram todos aqui da zona do Enxudro, do Sardal. Faziam a safra da sementeira e depois no fim das sementeiras, ficavam as mulheres a tomar conta dos milhos e dessas coisas e eles iam lá aos morangos. Aproveitavam lá nessa altura, para dormir lá na cama. Tive sorte com o meu companheiro. Chamava-se Albino Henriques. Tocava muito bem guitarra. Tive uma sorte formidável.

Aí então fui pagar. Foi 22 escudos por mês de renda.

De domingo a quinta-feira

Comprei uma máquina a petróleo, um prato e um garfo, um cobertor. Fazíamos o comer numa mesa muito grande. Depois punha o álcool a queimar para aquecer a cabeça da máquina de petróleo. Vinha cá baixo ao rés-do-chão buscar a água, fazia o comerzito. Passava pela mercearia, que tinha postas de bacalhau em cima de umas tampas que havia de verga. Punham a cabeça, rabo e meio em sal nas vésperas. Levava meio quilito de batatas, 2 decilitros de azeite e uma postita de bacalhau para o almoço. Não podia andar a comer nas tabernas porque não dava, connosco não dava. Até cheguei a fazer o comer com a calda do feijão que cozia ao domingo, que me durava até quinta-feira. Ao domingo cozia aquilo. Ia buscar a um talho que havia na Rua do Passadiço uns coiratos. Às vezes a minha mãe mandava uns feijõezitos e umas chouricitas, quando matava o

porco. O meu almoço era feijão, com a água de cozer feijão, uma cebola migada com vinagre e um bocadinho de carne. À noite ia refogar o feijão para o meu jantar. Quando era a segunda-feira passava pela mercearia, levava as batatas e as couves e fazia uma espécie de cozido. Conseguia fazer cozido, a sopa e o comer em duas horas de almoço. Depois ficava com o resto do cozido para o jantar e aquela sopa ia-me dando, às vezes, até a quinta-feira.

Namoro "*Quem desdenha quer comprar*"

A história dos namoriscos é muito engraçada. Éramos chavalos e havia uma moda dos filhos quando estavam em Lisboa procurarem às mães:

- "Ó mãe qual é a namorada que me arranja aí?"

A minha mãe mandou-me por carta a minha mulher na resposta. A minha mulher é da minha criação. Andámos juntos na doutrina, embora ela seja mais nova do que eu dois anos. E não houve defeitos que eu não lhe pusesse, mas mais tarde acabei por casar com ela. Ora isto para dizer que "quem desdenha quer comprar" e assim foi o que me aconteceu. Ela gostava de mim, a minha mãe gostava muito dela, e ela gostava da minha mãe também. Então, mais tarde, veio-se a desenrolar. "Tantas vezes o cântaro vai à fonte que fica lá a asa", foi o que aconteceu. Quando eu cá vinha pelas festas estavam-me sempre a atirá-la que um dia se virou. Ainda escrevi para aí para uma moça mas ela depois não me respondeu. São coisas de namoriscos.

A primeira carta

Ainda me recorda da primeira carta que eu lhe escrevi. Antigamente, nas aldeias, o correio ia todo para um ponto, que era para o estabelecimento da dona Assunção Peres. Essa via-as e é que depois dizia de quem era as cartas. O que é que aconteceu? Chamou lá a minha sogra e disse para lhe dar a carta. Já se sabe que a carta não chegou às mãos da minha mulher. Eu escrevo para a minha mãe e conto-lhe o passado. E ela parece que arranjou lá bronca porque os meus sogros não queriam que eu casasse com ela. O meu sogro, que é um bocado antiquado, até dizia:

- "Os filhos podem sair da mesma cor. Mas ele é trabalhador, vai ser bom pai", diz ele.

Casamento *Um casamento normal*



Bodas de ouro de Arlindo da Costa e esposa (13 de Fevereiro de 2005)

O meu casamento foi normal. Foi aqui na capela de Monte Frio com os convidados, tanto da parte dela como dos meus. Os meus eram menos porque a minha família era mais pequena. O almoço já se sabe como é que era. Antigamente guardavam-se as melhores cabras e ovelhas para matar para os casamentos e para as festas. Mas foi tudo feito pelo pessoal da aldeia. Não havia cozinheiras a fazer o comer nem nada. A chanfana, a carne assada que só se comia pelas festas, o arroz-doce, os coscoréis e os bolos. E é o meu casamento.

Quotidiano *Era trabalhador*

As pessoas sabiam que eu era trabalhador porque eu quando vinha a Monte Frio, pelas festas, não me metia na brincadeira com a rapaziada. Eu ia ajudar a minha mãe com as cabras. Até cheguei a andar por aí descalço ao mato, a roçar o mato e a guardar as cabras.

A confissão

Ainda me recordo uma vez, o padre Redondo lembrou-se de confessar a mocidade toda. Eu tinha na parte de baixo da capela um terrenozito, que a minha mãe tinha semeado milho para os animais, para as cabras, para as ovelhas. Eu, enquanto ele confessava a rapaziada, passo ali "pia baixo"², fui lá buscar um molho de milho e quando vinha para cima:

- "Então como é? Não te vais confessar?"

- Calma, eu é que sei quando é que me hei-de ir confessar. Agora tenho que ajudar a minha mãe."

A minha vida na aldeia já se sabe como era, bailaricos, sempre gostei de bailaricos. A minha vida foi assim.

Descendência *Nascidos em casa*

Teve a filha sozinha

Os meus filhos nasceram na minha casa no Monte Frio. A primeira vez que a minha mulher ficou grávida estava eu na tropa. Na altura eu era chofer do Director de Serviço do Ultramar que era um general. Ele tinha vindo para Caldas de Felgueiras, para o pé de Canas de Senhorim. Eu pedi para me deixarem ir para a terra, que estava a filha a nascer. Então ele disse-me para arranjar transporte. Mas no sítio onde estava, a uns 59 quilómetros daqui, era quase mais rápido a pé do que vir de transporte. Levava dois dias até Monte Frio, ao apanhar transporte. Tinha de apanhar camioneta para Canas, de Canas apanhava o comboio para Santa Comba Dão, de Santa Comba Dão já não apanhava a carreira que vinha para a aldeia, tinha de ficar lá para outro dia. Então disse ao senhor general se me podia deixar trazer o carro. Começou logo a dizer que não. Mas ficou a matutar. Isso foi ao pequeno-almoço, e ao almoço, lá se dirigiu a mim:

- "Levas o carro mas tem muito cuidado".

Porque ele conhecia esta zona daqui. Mas depois ele pôs-me à vontade:

- "Se for preciso chamar o médico ou levar a mulher ao médico não ocupas outro carro, levás este."

²*por aí abaixo*

Eu estava com a minha esposa quando a filha nasceu. Ela teve o parto praticamente sozinha. Ainda fui chamar uma senhora que se ajeitava como parteira, que morava ao fundo da povoação. Quando cheguei com a senhora já tinha a miúda nascido. Portanto, nasceu sem parteira ao pé. Mas tinha outra senhora com ela, que morava ao pé de nós, que bem a abanou. É porque percebia da coisa.

"Depois era eu que chorava"

O rapaz foi naquela fase de ir para os táxis, depois ir para as camionetas, e das camionetas para os táxis, e dos táxis outra vez para as camionetas. Acontece que foi feito na Venda Nova e veio nascer no Monte Frio. Quando foi do filho andei no médico. Mas ele coitado, da idade já não sabia da coisa e como já se estava a passar o tempo e ele não nascia, mandou recado:

- "O melhor é ele ir para outro médico (que era o doutor Parente dos Santos) que o miúdo está assim, está assado".

O que é que eu faço? Ela estava a sentir-se um bocado mal. Chamei esse médico primeiro, através da senhora dona Assunção Peres, e o médico veio a casa e disse:

- "Para já ainda não mas se sentir alguns sintomas ou alguma coisa mandem-me chamar" - que ele morava em Arganil.

De noite ela sentiu-se mal. Eu nessa altura não tinha carro, andava a fazer a carreira. Lá vou ter com a dona Assunção Peres que lá me emprestou o carro que ela tinha e vou eu chamá-lo. Eram duas da manhã estava eu a bater-lhe à porta. O homenzinho aparece aqui por volta das cinco, seis horas e disse:

- "Ainda vim um bocadito cedo demais, havia de vir por volta das dez horas".

Foi à hora que ele nasceu. Mas também fui o parteiro. Ele nasceu à base de ventosa. Era eu a dar à bomba da bicicleta, a dar com a ventosa num casco, ela a puxar. "Ai" gritava por um lado, "ai" gritava por outro. A minha sogra e as minhas tias, que ainda eram vivas, na sala a chorar e eu a ralhar com elas por estarem a gritar. E eu com coragem pfu pfu pfu. Ela a gemer agarrada à cama. Depois, ela já sabia que tinha a filha, quando está a sair cá para fora era eu que chorava de alegria. Tinha uma filha e veio um rapaz. Depois era eu que chorava, não era ela.

Lazer *Uma veia artística*

Chega para lá

Nos bailes namorava-se. Quando era a dançar a gente não se podia encostar que elas punham as mãos no nosso peito, e chega para lá. Em Lisboa, aí já se fazia o que se podia, mas aqui não. Nessa altura, ainda não namorava com a minha mulher. Cheguei a ir para os bailes para as Casarias mais um rapaz que está no Brasil, que é o Arnaldo. É irmão de um senhor que mora aqui, o Fernando Francisco. A minha vida lá em Lisboa foi enfiado em bailaricos. Eu gostava de dançar. No meu tempo, a dançar não havia quem me pusesse o pé à frente. Swing, uma rumba, uma valsa, um tango, isso era tudo comigo. Agora é que já não.

Flauta, harmónica ou gata de beijos...

Eu toco banjo e toco flauta. Noutros lados chamam gaita de beijos, harmónicas, eu nem sei o que é que hei-de chamar. Nunca tive ninguém que me ensinasse. Quando fui para Lisboa, quis aprender e apeteceu-me comprar um bandolim, comecei a tocar um ponto. Ainda me recorda a primeira melodia que comecei a tocar. Eu só toco de ouvido, de letra não toco nada. Comecei a tocar raspa, traram traram, traram, e começaram a sair. Mais tarde, troquei o bandolim pelo banjo. Este banjo tem uma história muito engraçada.

A história do banjo

Já morava em Lisboa e vim para cá passar a festa da terra. O meu filho era chaval e tinha comprado uma aparelhagem. Ele não a queria trazer e eu à última da hora agarrei-a, embrulhei-a num cobertor e meti no carro. Nessa noite assaltaram-me a casa. Quem me assaltou a casa foi um vizinho, que sabia para onde a gente vinha. E roubaram-me o banjo. Eu quando depois vou para Lisboa, já depois do dia 15 de Agosto vou à Judiciária. Depois venho para a aldeia, entro na taberna da dona Saudade, que já tinha o estabelecimento quando me perguntam:

- "Ah então pá roubaram-te muita coisa?"

- Olha até o desgraçado do banjo me roubaram".

Quando eu digo que até o banjo me roubaram o pessoal mandou um eco. Quem entra pela porta dentro? Um sujeito que era cunhado de uma pessoa que também estava em Lisboa. E disse para o cunhado:

- "Não me digas que foi o banjo que tu compraste."

Quer dizer os tipos roubaram-me a casa em Lisboa, andavam na Trafaria com o banjo a tocar, brum, brum, brum e o cunhado dessa pessoa comprou-o sem saber que era meu.

-Eh pá como era o instrumento?

- "Então era assim, assim."

- É esse mesmo!

É o que ainda tenho hoje. Tem uma grande história este instrumento. A verdade é essa, lá o consegui recuperar. Tive que pagar qualquer coisa, dar-lhe o que ele tinha dado por ele.

Eu estive muitos anos sem sequer mexer no instrumento, porque na vida de táxi lá em Lisboa, eu trabalhava sozinho, não dava para uma pessoa se treinar nem nada. Fui convidado diversas vezes para ir para o rancho de Celavisa mas eu não tinha vida para isso, nunca fui.

Dez tostões de pimenta

Também tenho uma história engraçada mas isso já era casado, já estava a tocar. Foi na altura em que andava na camioneta. De frente onde é uma agora uma casa nova que fizeram lá no largo da dona Assunção Peres, era uma casa antiga. Então, uma altura, pelo Carnaval o que é que me deu na cabeça? Fui buscar à dona Assunção 10 tostões de pimenta. Parece que ainda a estou a ver a meter a mão numa lata com a tampa redonda, põe num papel, embrulha-me aquilo e eu vou a tocar. Estava outro sujeito com uma guitarra a acompanhar-me e digo eu para ele:

- Vamos tocar uma valsa.

Fui tocar a valsa, abro o papel e ponho para o meio da malta. A malta não viu e então com a valsa, pontapé de um lado, pontapé do outro no papel dali a um bocado veio tudo para a rua a espirrar e só lá fico eu mais ele lá dentro. Foi tudo para a rua.

"Cantigas que se diz ao vento"

Também gosto de cantar. Canto qualquer coisa mas não escrevo nada. Cantigas, aquelas cantigas que se diz ao vento. Nunca me dediquei. Por acaso gostava mas nunca me pude dedicar a isso. Quando fui para Lisboa não tinha tempo. Também não havia o desenvolvimento que há agora para que me pudesse dedicar. Agora há as escolas de música. Eu fiz 50 e tal anos de Lisboa e praticamente nunca entrei numa casa de fados. Levava lá passageiros à porta mas de resto nunca entrei numa casa de fados.

Cantar em ponto ligado

Uma que eu tenho de recordação, nunca mais me esquece essa, foi no Largo do Francisco Peres, que foi um grande "obreiro" de Monte Frio. Então, uma altura pela festa forma-se uma tocadeira a tocar o fado. Eu entro a cantar mais um rapaz que era de Relvas mas eu não sabia que ele sabia cantar, nem nada. Entrou também um rapaz que era aqui de Monte Frio e ele canta-me uma cantiga. Eu canto-lhe uma cantiga e o outro sujeito entra logo e já não deixa cantar o que estava a cantar primeiro. Entrou logo ele. Mas este tipo era rufia a cantar. Mais tarde, vim a saber que ele cantava aí nas feiras, por um lado e por outro, até na Senhora das Precês. Ainda chegou a cantar com um sujeito que cantava muito bem, o tio Matias. Esse quando se via atrapalhado virava-se para a Sagrada Escritura. Quem a não soubesse ficava logo atrapalhado. De maneira que começámos a cantar os dois, em ponto ligado, eu e ele. Traz, traz, traz, traz. O tipo com aquela coisa de rufia e eu só a olhar para o chão. No fim, o tipo deu-se como vencido. Sei que quando acabou tinha parado o baile, estava tudo cheio de gente a ouvir-nos. Pegaram-me ao colo e andei por cima deles todos. Mais tarde, o outro sujeito até disse que me queria bater porque eu lhe ganhei. Mas se me dissessem, de princípio, que ele ia cantar ao desafio de ponto ligado, eu não ia. Nunca gostei de diálogos, mas ele começou e daquela saí-me bem.

"Quatro rádios a tocar"

Eu ainda me recordo do primeiro rádio que comprei para a minha casa. Já tinha a minha filha. Eu morava na Venda Nova, já andava nos táxis. Estava casado e, nessa altura, andava a aprender inglês, lá no Sindicato dos Motoristas de Táxis. Eu gostava daquilo, da brincadeira. Quando foi a abertura do ano

inscrevemo-nos 48 e quando chegámos ao final só estávamos oito. Chegava a casa, se o jantar não estava pronto punha-me a estudar inglês. Escrevia e lia e tudo. E então a mulher diz-me:

- "Se arranjassemos um rádio".

E já tinha a minha filha e eu digo-lhe assim para ela, nunca mais me esquece.

- Mas um rádio para quê? Olha, tu és um rádio, a filha é outro e eu sou outro quando chego a casa. Já viste quatro rádios a tocar, a gente não percebe nada do que o rádio diz. Nunca mais me esqueceu esta. Depois comprei o rádio mas foi essa conversa que eu tive. Há 50 anos.

- "Ah se arranjassemos um radiozito".

- Eu a tocar, tu a tocar, a filha a tocar ainda queres mais o rádio? Quatro? Então ninguém ouve nada.

Paisagens e serras

Também gosto de andar a pé. Alguma coisa de que eu gosto são paisagem e serras. Quando vim para Monte Frio, quando me reformei, eu ia todos os dias à Portela dos Parrozelos. São 4 quilómetros de Monte Frio até lá.

Conheço um pouco de Monte Frio porque eu não sou uma dessas pessoas que me fecho em casa. À uma sou uma pessoa comunicativa e à outra tenho um complexo comigo que é o seguinte: como eu andei numa vida de taxista em Lisboa, muitas pessoas pensam que eu conheço Portugal só depois do 25 de Abril.

"Pergunte-me de Portugal"

Uma vez transportei um casal ao Campo Grande e lá trabalhavam muitos rapazes de cor. Então o cliente fazia anos e convidou uma afilhada para a festa, depois foi levá-la a casa para não ir sozinha. O gajo já ia com os copos e diz:

- "Ah lá na sua terra os seus conterrâneos..."

E eu assim:

- Na minha terra? A minha terra é ao pé da sua.

- "Ah isso é que não é."

- Que concelho é que você é, distrito de quê?

- "Sou do distrito de Coimbra".

- Distrito de Coimbra, concelho?

- "Concelho de Arganil."

Começo a nomear as terras desde o Casal de São José.

- "O quê o senhor conhece o Casal de São José?"

- *Até lhe digo a estrada. Quem vem de Góis está ali uma casa do lado esquerdo que está caída, cheia de silvas e com um pinheiro no meio. O homem ficou parvo.*

Muitos colegas até queriam saber qualquer coisa de Angola e eu:

- Pergunte-me de Portugal um bocadinho mas não pergunte nada de Angola, que eu de África não conheço nada. Eu vim de lá tinha 3 anos como é que eu posso conhecer?

Eu gosto de comunicar com as pessoas. Por isso, quando as pessoas me vêem lá dizem "Boa tarde". E como eu conheço um bocadinho do país, tanto dos táxis, como das camionetas, até tenho conversas com as pessoas:

- Eh então conheço fulano tal. É da minha terra. É lá ao pé, é lá em cima.

Lugar *Outros tempos*

Sabia mais do que os médicos

Quem curava as doenças antigamente era um sujeito da Benfeita, que chamavam o tio José Augusto que diziam que sabia, tanto ou mais que os médicos. Andava num cavalo. Vinha pelas terras, fazia os pensos e as receitas. Esse ficou muito conhecido. Esse José Augusto era barbeiro. Depois havia os médicos em Côja. Pelo menos um médico havia. Foi o que andou a tratar da minha mulher quando ela estava grávida do meu filho: o doutor Adolfo.

O 72, telefone público

Em Monte Frio só havia três telefones. Um, que pertencia à família da dona Assunção Peres, na Fonte Reis, naquela região quando se vira para o Monte Frio, que me recorda era o 71. O da dona Assunção Peres era o 72. Outro era de um sujeito que negociava em carvão, o Manuel Henriques, que foi meu patrão quando andei nas camionetas de carvão, era o 73. Eram os três telefones que havia nessa altura. Quando havia qualquer coisa tinha que se recorrer à dona Assunção Peres que era a pessoa que tinha a cabine. Depois os outros eram particulares. Aqui a dona Saudade também tinha, mas já foi depois. Esse telefone até passou para a nossa Casa do Povo. Lá o telefone é público, a Comissão requisitou-o.

Garraões e garrafões

Se tivesse que indicar a uma pessoa para visitar Monte Frio primeiramente diria à pessoa para parar no coreto. Aí vê-se a população toda. Se a pessoa depois está interessada em beber água fresquinha, temos em baixo uma fonte, que é a barroca, água puríssima. No Verão, se tiver lá a boca a beber a água pela torneira até dói nos dentes. Já a têm levado para Lisboa, para fazer exames e dá uma água bem puríssima. Eu também cheguei a levar para Lisboa garraões e garrafões dela. Depois recomendaria ver a povoação, as ruas principais, que nos podemos orgulhar. Fomos quase as primeiras povoações aqui da serra, do concelho de Arganil a ter as ruas empedradas.

Piquenique à grande

No Monte Frio o pessoal é hospitaleiro. Uma altura veio um grupo do Porto e de Braga, que traziam desde o empregado para lhes pôr a mesa até sacos para o lixo. Tudo para fazer um piquenique. Vinham já do Piódão mas tiveram azar com o tempo, com o nevoeiro que estava um bocado a cair cacimba. Chegaram aqui ao largo com jipes de gama e tuta. Uns eram doutores, outros eram estabelecidos como pasteleiros em Braga. E foram pedir para fazer um piquenique no coreto. Imediatamente, a malta disse:

- "Não! Os senhores não fazem o piquenique no coreto. Os senhores vão comer aqui dentro, na nossa Casa do Povo."

Desde o saco do lixo, tinham tudo tudo para fazer o piquenique, mas um piquenique à grande. Não era um daqueles à socapa. Era à grande, que eram pessoas de alta escala. Comecei a falar com as pessoas e, lá está, pensavam que na aldeia eram pessoas atrasadas. E expliquei-lhe que tínhamos tido cá a carreira, que agora acabou, por causa das boleias. As pessoas começam a dar boleias umas às outras e a carreira andava aqui sem ninguém. Agora só temos a carreira à quinta-feira que vai ao Piódão e temos as carrinhas que transportam os miúdos para as escolas. Mas tínhamos uma carreira que chegava aqui todos os dias às sete menos dez da manhã para Santa Comba Dão, em direcção ao comboio, que era mesmo um serviço combinado com a CP. E então estive a explicar. Eles ficaram encantados. Fizeram uma despesa boa e deixaram dinheiro para as obras da Casa do Povo. Até combinaram de cá para cá virem comer uma feijoada. Tem passado aí pessoas que é uma coisa formidável.

Sonhos *Saúde e o euromilhões*

Dos meus sonhos, o primeiro era a saúde que gostava de ter, para mim e para os meus. E de resto, o sonho que temos todos é que saísse o euromilhões ou o totoloto. Ir ao estrangeiro. A minha terra, São Tomé, fui lá há 12 anos. Fui conhecer a terra onde eu nasci. Já não foi bem o sítio onde eu nasci porque antigamente era tudo mata. Mas, pelo menos, fui lá. De maneira que o meu sonho agora é praticamente saúde. Mas se tivesse uma companheira que me acompanhasse, ainda era capaz de dar aí um giro, mas infelizmente não posso por causa dela.